

REPENSANDO O EVANGELISMO PESSOAL: ORIENTAÇÕES PARA UMA ABORDAGEM PRÁTICA, INTENCIONAL E EFETIVA

Wesley José Silva¹
Malena R. O. Clower²

RESUMO

O presente artigo propõe repensar o evangelismo pessoal na sociedade, com o objetivo de torná-lo mais prático, intencional e efetivo. A pesquisa parte da definição bíblica de evangelho e evangelismo, à luz das Escrituras e de teóricos da teologia. Além disso, examina, com base na ordenança de Jesus, os motivos que levam os cristãos a negligenciar a prática evangelística. Por fim, o artigo oferece orientações práticas para que os discípulos de Jesus realizem o evangelismo não apenas como um evento, mas como um estilo de vida, fruto da graça de Deus.

Palavras chave: evangelismo; evangelho; ide; prática; estilo de vida

ABSTRACT

This article proposes a redefinition of evangelism in Brazil, aiming to make it more practical, intentional, and effective. The research begins with a biblical definition of the gospel and evangelism, in light of Scripture and theological theorists. Furthermore, it examines, based on Jesus' commission, the reasons why Christians neglect evangelistic practice. Finally, the article offers practical guidance for Jesus' disciples to engage in evangelism not merely as an event, but as a lifestyle, a result of God's grace.

Keywords: Evangelism; gospel; go; practice; lifestyle

¹ Graduando em Teologia na Faculdade Teológica Betânia - FATEBE. Contato: wesleysilva4986@gmail.com

² Especialista em Aconselhamento e Gestão de Pessoas pela Faculdade Teológica Betânia – FATEBE. Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná – FABAPAR. Graduada em teologia e Missões pelo Seminário Evangélico Betânia de Minas Gerais. Graduada em letras – inglês pela UNIP. Contato: clower.malena@hotmail

INTRODUÇÃO

O evangelismo, enquanto prática central no cristianismo, tem sido, ao longo dos séculos, uma das principais maneiras pelas quais os cristãos buscam cumprir a Grande Comissão de Jesus, registrada em Marcos 16:15 “E disse-lhes: vão por todo o mundo e preguem o evangelho a toda criatura”. No entanto, nota-se a dificuldade na definição do que é evangelho e evangelismo, o que resulta na negligência da prática deste último pelos cristãos. Nesse contexto, surge a necessidade de repensar o evangelismo pessoal, a fim de torná-lo mais prático, intencional e efetivo.

Para tanto, será explorada a definição bíblica do evangelho e do evangelismo, à luz das Escrituras e dos principais pensadores da teologia cristã, além de uma análise crítica dos motivos que, muitas vezes, levam os cristãos a negligenciar a prática evangelística. A pesquisa ainda se propõe a oferecer orientações práticas para que os discípulos de Jesus possam evangelizar não apenas como um evento, mas como um estilo de vida transformador, resultado da graça de Deus.

A relevância do presente estudo se dá pela urgência de um evangelismo que dialogue com as necessidades e os anseios da sociedade, utilizando as ferramentas disponíveis, e enfatizando a evangelização relacional, que considere o contexto social e individual de cada pessoa. Ao longo deste trabalho, pretende-se apresentar um caminho que torne o evangelismo mais acessível, intencional e eficaz, cumprindo seu papel de maneira relevante e verdadeira para a sociedade.

1 O QUE É EVANGELISMO E QUEM DEVE EVANGELIZAR

A importância do evangelismo na vida cristã é inegável, mas nem sempre é bem compreendida e praticada. Muitas vezes, pergunta-se quem deve assumir essa responsabilidade ou como ela deve ser realizada. Embora a tarefa de compartilhar a fé seja essencial para o crescimento do Reino de Deus, a igreja, de modo geral, enfrenta dificuldades em equipar seus membros para esse propósito. Isso nos leva a refletir sobre o verdadeiro papel de cada cristão na missão de levar o evangelho ao mundo.

Antes de se definir o que é evangelismo, é importante entender o que é evangelho. Hull define da seguinte maneira: “A palavra ‘evangelho’ significa simplesmente boas novas” (2022, p. 26). O apóstolo Paulo afirma em sua carta aos Romanos no capítulo 1 versículo 17 “que o evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” e Barth afirma que “o ‘poder de Deus’ é o poder ‘para a salvação’. O homem neste mundo está em cativeiro” (2022, p. 41).

Hull ainda aponta de forma muito eficaz um esqueleto para definição do evangelho dividido em três partes: 1) Cristo morreu, 2) Cristo foi sepultado e 3) Cristo foi ressuscitado (2022, p. 28-29). Com isso, pode-se dizer que o evangelho é a história de Jesus contada pelos homens aos homens para a salvação.

Para concluir, vale apresentar a fala de Barth sobre o evangelho.

“Eu não me envergonho”. O evangelho não precisa ir em busca de polêmicas com as religiões e filosofias do mundo, nem tão pouco precisa fazê-las ou fugir delas. O evangelho persiste e subsiste por si, como a mensagem que vem da linha da intercessão do plano deste mundo como plano do mundo do além, desconhecido para nós. O evangelho não entra em concorrência com quaisquer teorias ou pesquisas ou outras elucubrações e deduções que a ciência, a sabedoria ou cultura possam haver encontrado ou ainda venham a encontrar mesmo que sejam transcendentais ou oriundas do mais elevado círculo do saber humano pois o evangelho não é uma verdade ao lado de outras verdades mas é a verdade que questiona [afere], todas as demais verdades. O evangelho é dobradiça e não folha de porta (Barth, 2020, p. 38-39).

Superada a definição de evangelho, nota-se que um dos primeiros obstáculos ao evangelismo é a dificuldade em defini-lo. Nesse sentido Keneddy afirma que, o evangelismo é “partilhar o evangelho com o mundo inteiro” (1983, p. 2).

Na visão de Subirá sobre a proclamação do evangelho, o evangelismo “é

anunciar a mensagem de Deus aos homens” (2021, p. 331). Mas aqui, surge uma pergunta: Qual é a mensagem de Deus aos homens? O grande evangelista Bonnke responde esse questionamento de forma magistral ao dizer: “Cada ser humano que ainda não tenha sido redimido anseia pela mensagem de salvação” (2016, p. 8). Assim, reafirma-se que a mensagem de Deus aos homens é essencialmente uma mensagem de salvação, trazendo redenção e esperança a todos que a recebem.

Pohl destaca uma característica fundamental dessa mensagem de salvação: o arrependimento sincero, que é o ponto central para a transformação espiritual e a reconciliação com Deus “A pregação de Jesus desembocava em um desafio duplo. Em concordância com os profetas (p ex Is 59.20; 56.1s; 58.6,7) e com o Batista (cf. v. 4), ela se torna convocação à conversão: Arrependei-vos!” (1998, p. 41). Portanto a nossa mensagem precisa seguir o modelo da mensagem de salvação de Jesus “Arrependei-vos, pois está próximo o Reino dos céus” (Mateus 3:17).

Ainda sobre o evangelismo e o teor da sua mensagem, vale a pena lançar três fundamentos definidos por Grudem, sendo eles “ todas as pessoas pecaram (Romanos 3:23), a penalidade por nosso pecado é a morte (Romanos 6:23) e Jesus morreu para pagar a penalidade por nossos pecados (Romanos 5:8)” (2022, p.115). Estes princípios fornecem uma estrutura clara e bíblica para a proclamação do evangelho, enfatizando tanto a condição humana quanto a solução divina por meio de Jesus.

Frequentemente, percebe-se que a igreja carece tanto de ensino quanto da prática de uma ordenança clara de Jesus: o "ide". O evangelismo é um mandamento para todos os que creem, porém muitos cristãos ainda acreditam que essa missão é destinada apenas a um grupo específico de pessoas.

Neste sentido, Keneddy diz que “95% dos membros de nossas igrejas, nunca levaram qualquer pessoa a Cristo. Assim, o exército de Cristo tem sido mais do que dizimado e a resposta da congregação tem sido: “Deixe que o pastor faça” (1983, p. 4). Isso reafirma o pensamento de que evangelismo é para um grupo especial de pessoas.

Grudem diz que “a convocação do evangelho passa pela pregação humana” (2018, p.114). Em Marcos 16:15 vemos “E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura.” Nesta passagem Jesus está falando diretamente com os seus onze discípulos, (pois Judas tinha cometido suicídio e até esse momento Matias

ainda não tinha ocupado seu lugar) e lhes imputa essa responsabilidade, fazendo com que seus discípulos levantassem e começassem a falar sobre o evangelho às pessoas que eles não conheciam (Pohl, 1998, p. 330). Essa ordenança é válida para todos os discípulos, em todas as épocas. Se tivesse sido limitada ao grupo original, a mensagem do evangelho teria cessado ainda no primeiro século.

Além disso, ao considerar esse texto bíblico, o erudito Barclay ressalta que, a partir das palavras de Jesus, a igreja recebeu diversas responsabilidades, entre as quais se destaca a mais significativa: “A igreja tem a tarefa de pregar. É dever da igreja, e isto quer dizer de cada cristão, contar a história das boas novas de Jesus àqueles que nunca a ouviram. O dever do cristão é ser arauto de Jesus Cristo” (1995, p. 360). Isso enfatiza que a evangelização é uma responsabilidade central da igreja, e que cada cristão deve ser um mensageiro comprometido das boas novas de Jesus, alcançando aqueles que ainda não conhecem a mensagem da salvação.

Conforme MacArthur “evangelismo não é apenas uma atividade incidental na vida da igreja; é o mais urgente dever que nós cristãos temos a realizar” (2012, p.13). Essa afirmação destaca a urgência da responsabilidade que os cristãos têm em relação ao evangelismo, lembrando que compartilhar a mensagem de Cristo é uma missão inadiável. Sendo assim, devem ser motivados a agir com compromisso e dedicação, não permitindo que essa tarefa seja negligenciada.

Ainda neste sentido, Subirá diz que “a salvação nos é dada para ser compartilhada. Ninguém pode oferecer a outro o que não tem, mas tem a obrigação de compartilhar o que recebeu” (2021, p. 331).

Não obstante, Hybels afirma “explicando de forma simples, se você é um seguidor de Cristo, então você foi chamado e equipado, e espera-se que você compartilhe o evangelho” (2008, p. 64).

A fim de corroborar com as afirmações acima, cabe trazer as considerações de Erickson (1997, p. 446):

O tópico que se destaca nos dois relatos sobre as últimas palavras de Jesus aos discípulos é a evangelização. Em Mateus 28:19 ele os instrui: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações”. Em atos 1:8 ele diz, “Mas receberei poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da Terra”. Esse foi o último assunto que Jesus tratou com seus discípulos. Parece que ele via a evangelização

como a própria razão da existência deles.

[...]

O chamado para a evangelização é uma ordem. [...] “Pois ele disse: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (Jo 14:15). Se os discípulos realmente amassem o Senhor, cumpriam esse chamado para a evangelização. Não se tratava de uma questão opcional para eles.

Por fim, é possível ainda citar o apóstolo Paulo, um homem que entendeu muito bem tal responsabilidade imputada por Jesus aos seus discípulos quando diz: “Ai de mim, se não pregar o Evangelho” (1 Coríntios 9:16). No mesmo sentido, Barth diz que “o homem se achega diante do seu semelhante, na condição de mensageiro” (2020, p. 31).

Para destacar a responsabilidade universal dos discípulos de Cristo na proclamação do evangelho, Barth observa que “a possibilidade de ouvir o evangelho é igual para todos e assim também a responsabilidade de anunciá-lo” (2020, p. 46).

Com o objetivo de trazer uma palavra de ânimo e encorajamento, e destacar que todos os que são guiados pelo poder do Espírito Santo, podem ser instrumentos na proclamação desta mensagem, vale recorrer a este comentário: “Homens comuns, pessoas como eu e você, tornaram-se instrumentos para que a mensagem de Cristo fosse levada até os confins da terra” (MacArthur, 1939, p. 13). E ainda com o objetivo de encorajamento, Bonnke diz: “Deus se agrada de chamar e enviar pessoas como você e eu” (2015, p. 13). Isso reafirma que o evangelismo não é reservado apenas a um grupo seletivo de pessoas, mas é uma missão inclusiva que envolve todos aqueles que professam a fé cristã.

Por fim, ressalta-se o que MacArthur diz sobre o tema, “O cristão não precisa ter um chamado específico ou dons especiais para ser arauto das boas novas” (2012, p. 14). Isso enfatiza que a missão é de todos e para todos.

Assim, fundamentado nas Escrituras e respaldado pelos estudiosos, fica claro que cada discípulo de Jesus tem a missão e o dever de proclamar o evangelho para a salvação. No entanto, muitos têm falhado em cumprir essa ordem, o que revela a necessidade de maior encorajamento, preparo e compromisso com o chamado de levar a mensagem de Cristo aos que ainda não o conhecem. Diante disso, é importante refletir sobre os motivos que têm levado muitos a não se envolverem com o evangelismo, e entender as barreiras enfrentadas nessa importante ordenança.

1 MOTIVOS QUE LEVAM OS CRISTÃOS A NÃO EVANGELIZAREM

Atualmente, raramente o evangelismo é ensinado nas igrejas, e quando o é, muitas vezes é de forma superficial. As pregações nesse sentido costumam exaltar o pregador e sobrecarregar os ouvintes com a cobrança de “você precisa evangelizar”, sem, no entanto, explicar “como evangelizar”.

Quatro obstáculos em relação ao evangelismo são apontados por Swindoll: ignorância, temor, indiferença e experiências negativas. Em linhas gerais a ignorância se perfaz em desconhecer técnicas de evangelismo, o temor se traduz no medo da rejeição, a indiferença se revela na falta de compaixão com os perdidos e as experiências negativas criam um bloqueio à anunciação do evangelho (2017, p. 232).

Conforme destaca Ferguson “pesquisas mostram que, os crentes em Jesus, estão realmente confusos sobre como partilhar a sua fé” (2021, p. 29). Hoje, infelizmente, a igreja enfrenta dificuldades em testemunhar sobre Jesus. Se revela habilidosa em fazer proselitismo ou em convencer crentes a mudarem de igreja, mas muitas vezes carece da verdadeira capacidade de conduzir alguém a Cristo por meio da pregação genuína do evangelho, pois falta um ensino adequado e sólido sobre como compartilhar a sua fé.

Ensinam a cuidar de suas famílias e a guiar seus filhos nos caminhos do Senhor, o que é extremamente importante. Contudo, a missão vai além disso, também é preciso conduzir outras pessoas a Cristo, o que acontece principalmente por meio do evangelismo. Portanto, é crucial que pastores e líderes equipem seus membros para cumprir essa missão, fornecendo o ensino e as ferramentas necessárias.

Lidório aponta alguns motivos que levam os cristãos a não compartilharem o evangelho. Ele destaca “a preguiça espiritual para a evangelização, a insensibilidade diante das almas perdidas e o corre-corre daqueles que fazem muito” (2003, p. 89). Ainda que essas razões sejam realmente legítimas e até compreensíveis, elas não passam de razões humanas e carnis e não podem ser justificativas para a negligência da prática da evangelização.

Principalmente devido ao ritmo acelerado da vida moderna, como mencionado anteriormente, muitos já não encontram tempo ou até mesmo disposição para estar

com outras pessoas. Costa em seu livro *Teologia da Trincheira*, destaca algo crucial sobre a vida de Jesus, afirmando: “vemos um fato aparentemente evidente, mas bastante significativo: Jesus tinha contato com as pessoas” (2017, p. 96). Esse ponto é determinante para a falha na evangelização: pessoas não estão verdadeiramente presentes na vida umas das outras. Sem essa proximidade e convivência, o evangelho não pode ser vivido nem compartilhado de forma eficaz.

Por outro lado, Ferguson destaca que as pessoas ao nosso redor estão sim à procura de amigos que as escutem sem críticas, as amem de forma genuína, ofereçam orientações sábias e as apoiem espiritualmente (2021, p. 32). Isso demonstra que, em vez de apenas se considerar a falta de relacionamentos como uma questão de tempo e vontade, deve-se pensar sobre a intenção em oferecer o tipo de amizade e apoio que as pessoas realmente buscam. O verdadeiro desafio está em se abrirem para essa amizade genuína, permitindo que o amor e apoio façam a diferença na vida dos outros.

Não raramente os cristãos se aproximam das pessoas com o único objetivo de convertê-las, sem se disporem a amá-las de forma genuína. Essa postura acaba prejudicando e fechando os corações delas para o evangelho, pois frequentemente agem como julgadores, opressores e donos da verdade. Esquecem que cada pessoa carrega sua própria história, crenças e cosmovisão, e seu papel não é mudar esses aspectos para que o evangelho seja aceito, mas sim pregar o evangelho com amor, confiando que ele, por si só, tem o poder de transformar as pessoas. Nesse sentido, MacArthur diz “tudo que um evangelista faz é proclamar” (2012, p. 41).

Muitas vezes, a comunidade cristã sente medo de se tornar amiga de pecadores por temer o que as pessoas irão pensar. No entanto, Ferguson compartilha uma perspectiva interessante sobre as amizades de Jesus ao afirmar que ele era “Amigo de Pecadores” (2021, p. 33). Neste sentido, Moura diz:

[...] ao conviver com ladrões, falsificadores e prostitutas, Jesus não está dizendo que aprovava o estilo de vida deles, e sim que os aceitava como eram e estava ali para oferecer a graça de Deus.[...] Essa graça, porém, pressupunha arrependimento. [...] O estilo de vida daquelas pessoas demandou a morte de Jesus. Em nenhum momento, Cristo quis dizer que aprovava o comportamento pecaminoso daquelas pessoas, mas que, se aqueles pecadores quisessem mudar, Jesus era o caminho da mudança (2017, p. 77).

Com isso, nota-se que Jesus se preocupava verdadeiramente com as pessoas

antes de querer mudar as atitudes delas e ainda, que não se importava com o julgamento alheio.

Construir amizades sinceras com as pessoas abrem portas para a pregação do evangelho. Nesse contexto, Ferguson afirma que “dentro de uma amizade, a grande maioria das pessoas está disposta a falar sobre coisas espirituais” (2021, p. 30). Além disso, ele ressalta que “ouvir sem julgar é algo que todos nós somos capazes de fazer. É amor. É graça. É ser um amigo de verdade” (2021, p. 31).

Diante disso, o grande desafio está em desenvolver amizades autênticas, não com o intuito principal de pregar o evangelho, mas com o sincero desejo de amar e ser um amigo verdadeiro. A ausência desse sentimento sincero nas relações frequentemente impede o evangelismo eficaz, fechando portas que poderiam estar abertas.

O medo da rejeição e do que as pessoas irão pensar a seu respeito, também é um fator que impede o evangelismo (Swindoll, 2017, p. 232). Com isso, muitos não evangelizam simplesmente por medo.

Em Marcos 8:34, Jesus declara: “Se alguém quiser vir após mim, negue a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (NAA). Esse texto é poderoso, pois representa um convite direto de Jesus para segui-lo. Jesus fala com clareza e transparência, sem rodeios que possam enganar aqueles que recebem seu chamado. A esse respeito, Barclay diz que “a honestidade de Jesus é quase assustadora. Ninguém poderia dizer jamais que tinha seguido Jesus sob falsos atrativos” (1956, p. 201).

Jesus lança esse convite para a multidão: “Então, convocando a multidão (...)” (Marcos 8:34). Não se trata de uma imposição, mas de um chamado para aqueles que desejam ser seus discípulos. A decisão está nas mãos de cada um, de responder com fé e obediência a esse convite. Se a resposta for negativa, nada muda; porém, se disserem 'sim, eu quero segui-lo', serão imediatamente confrontados com o profundo desafio de negar a si mesmo, abrindo mão do ego e das vontades pessoais para seguir a Jesus.

Diante disso, Barclay afirma: “quem quiser seguir a Cristo deve dizer não a si mesmo e sim a Cristo” (1995, p. 203). Isso leva ao entendimento de que não é possível dar duas respostas afirmativas; ao dizer sim a si mesmo, rejeita-se Cristo, ao passo em

que dizer sim a Cristo, implica em rejeitar a si mesmo. Essa decisão exige o abandono dos próprios desejos e interesses, comprometendo-se plenamente com o chamado dele.

Para aqueles que decidiram se comprometer com o chamado de Jesus e responder em fé, é pertinente destacar a reflexão de Barclay sobre a responsabilidade de um discípulo. Ele afirma que um discípulo deve “dizer sim, sim, sem vacilação, à voz e ao mandato de Jesus” (p. 203). E qual é a ordenança de Jesus para os seus discípulos? A resposta é clara e direta: “Ide por todo o mundo e preguem o evangelho a toda a criatura” (Marcos 16:15). Quando uma pessoa se torna um discípulo verdadeiro de Jesus e o evangelho transforma a sua vida, ela simplesmente exerce sua função. Não implora por atenção” (Keller, 2017, p. 35). Com isso, a função do discípulo é pregar o evangelho.

Em seu livro *O Ego Transformado*, Keller assevera que “o ego vive chamando atenção para si mesmo - e isso todos os dias. O tempo inteiro, o ego exige que avaliemos nossa aparência e a maneira em que somos tratados” (2014, p. 18). O tempo todo as pessoas preocupam-se com o que se pensa a respeito delas. Isso parece um tanto quanto contraditório sobre a exigência que Jesus faz para aqueles que desejam ser seus discípulos “negue-se a si mesmo” (Marcos 8:34).

Ainda sobre o tema de negar a si mesmo, incabível se torna pensar ou focar em si mesmo. Assim, deixa-se de pensar em si e passa-se a viver a bênção do auto esquecimento (Keller, 2014, p. 34). Em um mundo tão egocêntrico, apenas o evangelho é capaz de gerar esse sentimento nos corações.

E por que há tanto medo do julgamento das pessoas, se como bem dito, a pregação do evangelho é a história de Jesus contada aos homens? Afinal o evangelho não é sobre pessoas, mas sim, sobre Jesus. Assim, quando os homens rejeitam a mensagem, não rejeitam o mensageiro, mas Cristo, e a graça de Deus.

Um dos principais fatores que impedem o evangelismo é a falta de conhecimento sobre o tema. Embora os cristãos saibam que devem evangelizar, muitas vezes não têm clareza sobre como fazê-lo. Como afirma Swindoll, “Simplesmente não sabemos o que fazer para evangelizar” (2017, p. 232). Isso resulta em dificuldades para agir quando surgem oportunidades.

Muitos se opõem a métodos de evangelismo, especialmente quando esses métodos se tornam limitantes, levando a uma confiança excessiva nas técnicas em detrimento do poder intrínseco do evangelho para tocar os corações. Swindoll afirma: “não gostamos de técnicas estereotipadas e, por isso, ficamos sem nenhuma” (2017, p. 232). Embora seja verdade que não existe uma técnica infalível que funcione para todos, viver sem qualquer direção também não é a solução para o problema.

Para encontrar o equilíbrio necessário, cumpre citar Bonnke, que afirma que: “Em qualquer tipo de evangelismo, o método utilizado deve levar em conta que não estamos lidando com máquinas” (2016, p. 130). Esse entendimento ajuda a evitar a dependência excessiva de um único método, permitindo que se tenha uma abordagem estruturada. No entanto, a falta de equilíbrio frequentemente conduz a extremos: um apego rígido a um método, acreditando que ele é a única forma de levar as pessoas a Cristo, ou a ausência completa de estratégia, resultando na falta de direção no evangelismo.

Ferguson afirma que:

Os dados demonstram o quão confusos e frustrados os crentes estão sobre compartilhar as boas novas de Jesus! A conversa interna sobre este tópico para muitos pode ser mais ou menos assim: Minha fé fez uma grande diferença para mim e eu sei que pode ajudar outros... Jesus nos diz que são boas notícias, e eu deveria compartilhá-las... Mas sempre que tento apresentar o Evangelho, sinto que estou vendendo um carro usado ou que faço parte de um esquema de pirâmide!... Então, talvez o que estou ouvindo da sociedade que “evangelismo está errado” esteja certo. Talvez eu nem deva tentar fazer isso” (Ferguson, 2021, p. 29).

Com isso, é possível afirmar que os cristãos não praticam o evangelismo, em grande parte, porque não sabem como fazê-lo.

3 ORIENTAÇÕES PRÁTICAS, INTENCIONAIS E EFICAZES PARA UM EVANGELISMO PESSOAL

Frente a evidente falha na prática do evangelismo devido, em grande parte, à falta de conhecimento, o presente capítulo apresentará um panorama prático e simples de ações que todo cristão pode adotar para cumprir a grande ordenança de Jesus: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Marcos 16:15). O objetivo é

fornecer orientações aplicáveis no cotidiano, tendo em vista o evangelismo pessoal, permitindo que se possa aproveitar todas as situações para propagar a mensagem do evangelho, que para Bonnke apenas se torna uma boa notícia quando pregado (2016, p. 78).

Primeiramente, é importante ressaltar o que Bonnke afirma sobre os métodos: “O princípio que não podemos nos esquecer é que Deus usa pessoas e não métodos” (2016, p. 130). Assim, o objetivo aqui é apresentar algumas orientações práticas para o evangelismo, visando capacitar os cristãos a serem mais assertivos em seu testemunho, sem a intenção de impor um modelo infalível ou rígido. Além disso, não se tem a pretensão de esgotar o assunto, pois se reconhece haver diversas formas de compartilhar a fé.

Indiscutível que o princípio comum dentre as diversas formas de evangelizar é o amor. Como bem afirmou Bonnke, “cada mensagem pregada deve ser transmitida com amor” (2015, p. 132). Não importa se você está praticando o evangelismo pessoal ou participando de um evangelismo de impacto; a mensagem compartilhada deve transbordar amor, especialmente o amor de Deus por aquelas pessoas e também o seu amor por elas.

Tudo começa com a oração (Ferguson, 2021, p. 45). A melhor maneira de se amar as pessoas é fazendo uma oração por elas. No evangelho de João, capítulo 17, vemos Jesus orando pelos seus discípulos, e por todos “aqueles que haveriam de crer em seu nome” (João 17:20). Portanto, de início já se destaca a necessidade de desenvolver o hábito de orar por aqueles que ainda não foram alvo da graça e do amor de Jesus. Ainda sobre a oração, Ferguson diz que “a oração é o modo como você descobre a sua missão e como você vive a missão” (2021, p. 45).

Hybels pedagogicamente aponta uma direção para o evangelismo pessoal, notadamente no campo relacional, quando afirma que é preciso desenvolver amizade com as pessoas, descobrir suas histórias e aprender a discernir os próximos passos (2008, p. 102).

É preciso estar próximo das pessoas, pois isso é fundamental. Muitas vezes, um sentimento de superioridade impede os cristãos de se relacionarem com as pessoas, o que culmina no pensamento de que apenas pregar é suficiente. Como Subirá afirma:

“Temos a responsabilidade de proclamar a mensagem divina da salvação em Cristo. No entanto, se o nosso estilo de vida não condiz com a mensagem que pregamos, então ela perde a força” (2021, p. 332). Fica claro que, ao se aproximarem das pessoas, a comunidade cristã passa a ser conhecida por elas, o que abre portas para a pregação do evangelho.

Citando Filipe e o episódio com o etíope em Atos 8, Swindoll observa que “ele tomou a iniciativa”. Mas, em sua atitude, não se nota o menor intuito de ofender ou humilhar o outro” (2017, p. 236). Muitas vezes, falta proatividade por parte dos cristãos, revelando até mesmo uma certa apatia ao esperarem que as pessoas venham até eles para ouvir a mensagem do evangelho. No entanto, esse é um grande engano, pois o homem natural não tem interesse pela mensagem do evangelho.

Por isso, é preciso agir e tomar a iniciativa. É essencial iniciar um relacionamento e abrir uma conversa, dando espaço para que o outro se expresse. É interessante sempre deixar uma pergunta no ar para que a pessoa possa falar. Isso demonstra que a opinião dela é importante e que se valoriza o que ela tem a dizer. Ferguson diz que “A escuta verdadeira, pode ser o presente mais gentil e amoroso que você pode dar a alguém” (2021, p. 46).

Com certeza, esse é um ponto fundamental quando se trata de evangelismo: evitar discussões. O evangelismo não é um tribunal. Ao perceber que a conversa está se desviando para um conflito, é importante mudar o assunto. Se a pessoa for um amigo, o melhor é esperar por um outro momento mais apropriado para compartilhar a verdade, evitando conflitos. Se tratando de um desconhecido, torna-se mais eficaz interromper o assunto, abençoar a pessoa e deixá-la seguir seu caminho. Essa abordagem preserva o respeito mútuo e pode abrir portas para futuras conversas, pois muitas vezes, o impacto mais significativo vem da maneira como as pessoas são tratadas.

Escutar com interesse verdadeiro, demonstrando atenção e empatia pela pessoa com quem se está conversando também é fundamental. Como diz Ferguson, “A escuta verdadeira pode ser o presente mais gentil e amoroso que você pode dar a alguém” (2021, p. 46). Ao ouvir de forma genuína, você cria um espaço para que a outra pessoa também se sinta ouvida e, assim, se abra para o diálogo. Durante essa escuta, ao

perceber algo que possa se relacionar com a mensagem do evangelho, é interessante fazer a ponte de maneira natural e respeitosa, sem que isso pareça o único propósito da conversa. O mais importante é que a pessoa sinta que sua atenção e interesse são genuínos.

Tão importante quanto uma escuta genuína, a forma como nos comunicamos também desempenha um papel fundamental. Os cristãos comumente utilizam uma linguagem própria, que pode ser de difícil compreensão para aqueles que ainda não compartilham da mesma fé. Por isso, é essencial transmitir as verdades de Deus de maneira clara e simples, para que todos possam entendê-la. Deve-se evitar jargões evangélicos ou termos complicados (Swindoll, 2017, p. 214), pois, ao fazer isso, não só dificulta a compreensão da mensagem, como corre-se o risco de parecer ofensivos. E Swindoll ainda diz “a mensagem da cruz é que é o motivo de ofensa e não a pessoa que a transmite (2017, p. 241).

Ainda nesse sentido, Hybels assegura que “palavras como ‘salvação’, ‘nascido de novo’, ‘aceitar Jesus’ e ‘Senhor e Salvador pessoal’ significam muito pouco para pessoas que não seguem a Cristo” (2008, p. 131).

Além disso, toda abordagem precisa ser objetiva. Swindoll afirma: “Quando estivermos testemunhando de nossa fé, limitemo-nos a falar de Cristo. Não falemos de Igreja, nem de denominações, nem de religião” (2017, p. 241). Essa objetividade deve ser levada a sério, pois evita discussões desnecessárias. Ser objetivo significa declarar claramente que Jesus é o único Salvador.

Mensagens que garantam o acontecimento de eventos de quaisquer natureza como “Jesus vai te curar”, “Jesus vai mudar o seu casamento”, “Jesus vai te deixar rico ou te tirar da crise”, entre outras, devem ser definitivamente afastadas, pois são distorcidas e não refletem a verdade do evangelho. O evangelho é a verdade de Deus, e a verdade é que “somos todos pecadores e estamos destituídos da glória de Deus” (Romanos 3:23).

Por fim, uma mensagem que deve ser evitada a todo custo é a do tipo “aceite Jesus, ou você irá para o inferno”. Swindoll chama isso de “ameaça agressiva” (2017, p. 241). A mensagem do evangelho nunca deve ser comunicada com esse teor de ameaça. Pelo contrário, ela precisa ser compartilhada com amor e em amor, refletindo a

graça de Cristo e o convite ao arrependimento, sem medo ou imposições mas com compaixão e respeito pela liberdade do outro.

O objetivo de toda abordagem ou conversa é sempre levar a pessoa a refletir sobre o que foi compartilhado, fazendo um apelo para que ela responda de forma consciente à mensagem do evangelho. É fundamental perguntar se a pessoa compreendeu a mensagem e, em seguida, convidá-la a responder positivamente, entregando sua vida a Jesus, confessando-o como Senhor e Salvador, arrependendo-se de seus pecados e decidindo segui-lo por toda a sua vida. Neste sentido, Subirá diz que "Não basta ter fé no coração; é preciso expressá-la verbalmente" (2021, p. 155).

Desta forma, partindo de um diálogo respeitoso, de relações verdadeiramente construídas e da apresentação, de forma clara e concisa, do plano de salvação, é possível realizar um evangelismo prático, intencional e eficaz.

Sem a pretensão de esgotar a temática, o que se pretende explicar é que para além de um método, o evangelismo é, antes de tudo, um estilo de vida daqueles que foram alcançados pela graça de Deus e que, através do amor, com empatia e estabelecendo conexões pessoais levam o evangelho aqueles que ainda carecem da mensagem de salvação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O evangelismo, como prática fundamental da missão cristã, necessita ser constantemente revisado e adaptado aos desafios contemporâneos. Este estudo propôs uma maneira de pensar o evangelismo pessoal na sociedade, destacando a importância de torná-lo mais prático, intencional e efetivo. Partindo do entendimento indiscutível de que o Ide ordenado por Jesus é para todos os cristãos, tornou-se possível compreender o evangelismo não apenas como um evento, mas como um estilo de vida contínuo, pautado pela graça de Deus. A pesquisa ainda aponta para a necessidade de uma evangelização que seja relacional, contextualizada e engajada com as necessidades das pessoas.

A reflexão teológica apresentada sugere que a verdadeira efetividade do evangelismo está em como a mensagem é vivida e testemunhada no cotidiano, por meio de atitudes, ações e interações genuínas. Evangelizar de forma prática e intencional exige que os cristãos se envolvam ativamente nas realidades sociais e pessoais das pessoas ao seu redor, refletindo o amor e a compaixão de Cristo em suas ações diárias. A eficácia do evangelismo não depende apenas de palavras, mas do testemunho autêntico que emana de uma vida transformada pela graça de Deus.

Por fim, as orientações práticas deste estudo visam equipar os cristãos para um evangelismo mais intencional, eficiente e relevante. Repensar o evangelismo não implica em alterar a mensagem do evangelho, mas adaptar suas formas de comunicação, garantindo que a mensagem de salvação chegue de maneira clara e transformadora a todas as pessoas, em todos os contextos. O evangelismo, portanto, deve ser entendido e vivido como um reflexo da graça divina, que se manifesta tanto em palavras quanto em ações no cotidiano cristão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCLAY, William. **Comentário de Marcos**. Trinity College: Glasgow-Escócia, 1995. **BÍBLIA DE ESTUDO NOVA VERSÃO TRANSFORMADORA**. Tradução Susana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2020. **BÍBLIA**. THOMPSON. Marcelo Smargiasse. São Paulo: Vida, 2014.

BONNKE, Reinhard. **Evangelismo por Fogo: acendendo a sua paixão pelo perdido**. Belo Horizonte: Bello Publicações, 2015.

BONNKE, Reinhard. **O tempo está se esgotando**. Belo Horizonte: Bello Publicações, 2016.

COSTA, Antonio Carlos. **Teologia da trincheira: reflexões e provocações sobre o indivíduo, a sociedade e o cristianismo**. 1 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à Teologia Sistemática**. Tradução – Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FERGUSON, Dave. **Bless: alcançando vizinhos, transformando o mundo**. Brasília: Palavra, 2021.

GRUDEN, Wayne. **Bases da fé cristã: 20 fundamentos que todo cristão precisa entender**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

HULL, Bill. **Conversão e discipulado: você não pode ter um sem ter o outro**. 1 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2022.

HYBELS, Bill. **Evangelismo: passos simples para atravessar as salas da vida e alcançar os perdidos**. Rio de Janeiro: Lus às Nações, 2008.

KELLER, Timothy. **Ego transformado: a humildade que brota do evangelho e traz a verdadeira alegria**. Trad. Eulalia Pacheco Kregeness. Sao Paulo: Vida Nova, 2014.

KENEDDY, D.James. **Evangelismo explosivo**. Publicado em Português por evangelismo Explosion III, International, P.O.Box 23820, Fort Lauderdale, Florida 33307, USA, 1983.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Missões: o desafio continua**. Belo Horizonte: Editora Betânia, 2003.

MACARTHUR, John. **Evangelismo: compartilhando o evangelho com fidelidade**. São José dos Campos: Fiel, 2012.

MOURA, Lisânias. **Cristão homoafetivo?: um olhar amoroso à luz da bíblia**. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

POHL, Adolf. **O Evangelho de Marcos**. Comentário Esperança. Tradução Hans Udo Fuchs. São Paulo: Editora Evangélica Esperança, 1998.

SHEED, Russel P. **Evangelização: Fundamentos Bíblicos**. Santo Amaro: Sheed publicações LTDA, 2006.

SUBIRÁ, Luciano. **Graça transformadora**. São Paulo: Vida Nova, 2021.

SWINDOLL, Charles. **Firme seus valores**. Curitiba: Betânia, 2017.